

A romantic scene in a field at sunset. A man and a woman are lying on their stomachs on a blanket, holding hands and looking up at the sky. The background is a vast field of tall grasses under a warm, golden light from the setting sun. The overall mood is peaceful and intimate.

NO MEU  
SONHO  
TE AMEI

AUTORA DO BEST-SELLER PAIXÃO SEM LIMITES

ABBI  
GLINES

*Para todas as meninas que levaram uma rasteira da vida  
e encontraram forças para se levantar.*

## PARTE UM

Recebe este beijo no rosto!  
Mas, agora que me despeço,  
Preciso deixar isto posto:  
Não erra aquele que acredita  
Que meus dias foram um sonho;  
Mas se a esperança foi embora,  
Seja no dormir de uma hora  
Ou no despertar de um instante,  
Está ela menos distante?  
Tudo que vemos ou pensamos  
É um sonho dentro de um sonho.

Edgar Allan Poe, "A Dream Within a Dream"

Desde menina gosto de contos de fadas. E sempre acreditei no amor. Mas para mim foi fácil, porque me apaixonei aos 6 anos. Não é comum encontrar o amor assim tão cedo. Tínhamos certeza de que éramos especiais, Crawford e eu. O destino sorriu para nós e nos deu um ao outro, para que pudéssemos passar a vida inteira juntos. Eu tinha meu próprio Príncipe Encantado. Não havia um dia em que ele não estivesse ao meu lado. Fazendo-me rir, dividindo comigo as alegrias daquela vida para a qual tínhamos nascido. Mas o que não esperávamos era uma dessas guinadas que nos pegam de surpresa. Que nos jogam para fora da pista. Essas coisas que surgem do nada e transformam nossa vida para sempre. Não estávamos preparados para isso.

Nossa história não foi fácil. A vida maravilhosa de nossa infância nos foi tirada tão rapidamente que nem pudemos nos preparar. Mas ninguém nunca pode. Esse é o lado escuro da vida.

*Sempre gostei do cheiro das noites de verão. Desde menina, via nisso um lembrete de que as aulas haviam terminado e dali em diante era só diversão. Nadar no lago, jogar basquete com meus irmãos mais velhos e, claro, a viagem de férias que fazíamos todo ano. Mas dessa vez havia também um gostinho especial de liberdade. Vida nova, novos começos. Para mim e para Crawford.*

*Olhei para ele ao volante do carro e senti um calorzinho no peito. Estávamos juntos desde crianças. Primeiro como amigos. Depois, já mais velhos, como namorados. Mais cedo, tínhamos subido ao palco armado no campo de futebol americano da escola para receber nosso diploma. Formados. Finalmente.*

*– Mal acredito que acabou. Essa história de ensino médio – acrescentei, só para deixar claro, mesmo sabendo que ele tinha entendido.*

*Crawford olhou de relance para mim e abriu uma pontinha de sorriso, apenas o bastante para surgir nos seus olhos aquela faísca que sempre aparecia quando ele se sentia feliz ou satisfeito com alguma coisa.*

*– Acabou? Que nada. Isto é só o começo, V. Nossa vida será exatamente como a gente planejou.*

*Eu queria acreditar nisso. Íamos estudar na mesma universidade. Crawford havia conseguido uma bolsa de estudos como jogador de futebol americano. Uma bolsa integral. Não era minha primeira opção, mas não queria ficar longe dele. Nunca tínhamos ficado longe um do outro.*

*– Todo mundo parecia estar com um pouco de medo na festa de formatura. Como se estivessem bebendo e aprontando só pra esquecer que agora somos adultos. Pois é. Agora não tem volta.*

*Crawford deu de ombros, dizendo:*

*– Aposto que estão apavorados. Eles não têm um plano de vida como a gente. Ainda têm que decidir o que vão fazer daqui pra frente.*

*Ele tinha razão, claro. Como sempre. Uma das coisas que eu adorava em Crawford era sua segurança. Ele nunca se preocupava à toa, nunca fugia dos problemas. Pelo contrário, olhava para eles de frente e assumia o controle. Eu me sentia segura a seu lado, como se ele sempre tivesse as respostas de que eu precisava.*

*Crawford pousou a mão sobre a minha.*

*– Nossa vida vai ser o máximo. Essa universidade era tudo que a gente precisava agora. Sair da cidade, mas sem ir pra muito longe. A gente vai poder voar com as próprias asas, mas voltar de vez em quando pra fazer uma visitinha. Você vai adorar.*

*E eu acreditava nele. Já podia imaginar o monte de coisas bacanas que iríamos ver e fazer. Meu entusiasmo era tanto que eu mal podia esperar pelo mês de agosto, quando começariam as aulas.*

*Nossa música predileta começou a tocar no rádio. Crawford aumentou o volume e começou a cantar junto. Era completamente desafinado, mas vivia cantando só porque sabia que isso me fazia rir. De repente fui tomada por uma onda de alegria e gratidão pela vida que eu tinha, uma coisa muito forte, impossível de conter. Dei uma gargalhada quando ele desafinou outra vez. Essa era a minha vida, e eu a adorava.*

*Foi então que Crawford pisou no freio e o mundo começou a rodar. O cheiro de borracha queimada e a barulheira dos pneus derrapando invadiram minha cabeça, afugentando todos os pensamentos que havia dentro dela. Os sonhos sumiram na hora. Completamente.*

Um mês. Fazia um mês que aquele acidente de carro havia transformado nossa noite de formatura num pesadelo. Eu estava na sala de espera do hospital, olhando fixamente para aquelas paredes brancas que, àquela altura, me pareciam mais familiares que as do meu próprio quarto. O cheiro de café velho só não era pior do que a aridez do lugar. Mas nada disso tinha importância. Só uma coisa importava: que Crawford voltasse a abrir os olhos.

Dali a pouco seria minha vez de ler para ele. Eu praticamente vivia para essa hora do dia. A hora de rever meu namorado e rezar para que

ele abrisse os olhos ao ouvir minha voz, dissesse que ficaríamos juntos outra vez, que nossos sonhos continuavam lá, esperando do outro lado da porta daquele quarto frio e solitário.

Na manhã seguinte ao acidente, o médico dissera aos pais dele que os pacientes comatosos eram capazes de ouvir. Então, se conversássemos com Crawford, ele poderia ouvir e lutaria para voltar. Para despertar do coma.

Ainda sinto calafrios ao pensar nessas palavras. “Pacientes comatosos.” Odiava aquilo. Crawford era uma pessoa cheia de vida e de energia. Não era fácil vê-lo daquele jeito.

O médico acreditava que ele precisava ouvir vozes de diversas pessoas que conhecia e amava. No início, obedecíamos à tabela de horários que a mãe de Crawford havia organizado, mas, com o passar do tempo, ela foi deixando que eu entrasse no quarto para ler quando quisesse. E a tal tabela perdeu totalmente o sentido quando, lá pelas tantas, ela adoeceu. Ver o filho todo dia naquele estado pesou sobre a saúde dela.

– Ainda aqui? – perguntou uma voz masculina que não reconheci.

Costumava ser um dos meus irmãos, que passavam para ver como eu estava. Knox, que era só alguns anos mais velho que eu e Crawford, também aparecia para ler. Não todos os dias, como eu, mas sempre que podia. Eu queria muito que fosse ele agora, pois fazia alguns dias que ele não vinha e eu sabia que Crawford gostaria de ouvi-lo.

Ergui a cabeça e me deparei com uns olhos verde-escuros delineados por cílios muito espessos e pretos. Olhos bonitos para um homem. Eu já havia visto esses olhos antes, assim como o dono deles. Mas nunca tínhamos falado um com o outro.

– Você está sempre aqui – disse ele. – Não me lembro de um único dia nessas últimas duas semanas em que não tenha visto você.

Tinha uma voz suave, mas o sotaque era bem mais carregado que o da maioria dos caras de Franklin. Parecia até que vinha do Alabama. Ficou parado ali, me olhando. Estava me analisando ou só esperava que eu dissesse alguma coisa? Provavelmente a segunda opção. E eu estava sendo grosseira com o meu silêncio.

– Não quero estar em nenhum outro lugar – falei com sinceridade, porque sem Crawford eu me sentia perdida.

Ele deu um sorriso torto e fiquei com a impressão de que era de ironia. Mas que motivo ele teria para zombar de algo assim tão sério?

– Posso enumerar um monte de lugares onde eu preferia estar. Mas fechei com meu tio D e não abro. Então estou aqui.

Fiquei na dúvida se a intenção dele tinha sido falar algo profundo e comovente. Não era o que parecia. A impressão era que ele não estava nem aí para o estado do tal tio. Não que isso fosse da minha conta, mas tinha algo no cara que me incomodava. Ele gostava de si mesmo. Gostava muito. Sabia que era bonito e adorava a atenção que recebia por isso. Eu conhecia muito bem o tipo. E não era nem um pouco fã.

– Seu desprendimento me deixa até emocionada – respondi com uma boa pitada de sarcasmo.

Ele riu apenas com os olhos, como se estivesse achando graça, o que só fez crescer minha antipatia.

Quando cruzou os braços sobre o peito largo, não pude deixar de notar os bíceps musculosos e a tatuagem que escapava de uma das mangas da camiseta. O cabelo era comprido e meio bagunçado, preso atrás das orelhas. Só faltava o rabo de cavalo para completar o visual de pirata.

– Se você acha que estou querendo pagar de desprendido, está muito enganada. Essa nunca foi minha intenção. Vim aqui pra ver meu tio, nada mais profundo que isso. Aliás, não sou eu que fico trancafiado nesta sala de espera feito um mártir, dia após dia, olhando pras paredes. Desprendimento é a sua praia, não a minha.

Por que diabos o cara ainda estava falando comigo? Onde estava o Knox? Ele já devia ter chegado com o almoço preparado pela nossa mãe. Era a vez de ele ler para Crawford. Ainda faltavam três horas para o meu turno. Knox precisava chegar logo, e aquele cara tinha que se mandar de uma vez por todas.

– Puxa, você precisa relaxar um pouco – insistiu ele.

O sorrisinho irônico continuava lá.

– Você não vai ver seu tio? – perguntei, encarando o sujeito, rezando para que fosse embora.

Ele respondeu com uma risada. Uma risada de verdade. Uma risada agradável. Talvez mais do que agradável. Então lembrei que ele estava rindo de mim, e isso me deixou ainda mais irritada.



– Sim, vou. Mas pensei que seria uma boa ideia passar primeiro por aqui e te dar algo pra fazer além de ficar olhando pras paredes. Fico triste quando te vejo aqui sozinha. Mandei mal. Claro, se você fica sozinha é porque quer.

Eu não iria morder a isca. Era isso que ele queria que eu fizesse, que rosnasse de volta, mas eu não lhe daria esse prazer. Além disso, ele não merecia minha irritação, não merecia a energia que eu gastaria ficando com raiva.

– Slate, o que você ainda está fazendo aqui? Seu tio acabou de perguntar por você – interferiu a enfermeira, acintosamente piscando os olhos e estufando os peitos enquanto falava com...

*Slate.* Aparentemente era esse o nome do sujeito.

Ele se virou para a enfermeira e teve quase certeza de que piscou para a moça. Um brilho especial surgiu no rosto dela, os olhos só faltavam derreter. Ah, me poupem! Já estava cheia daquilo. Se eu quisesse ver novela, tinha ligado a televisão no canto da sala.

– Diga ao velho que já estou indo – respondeu ele.

A enfermeira deu um risinho como se tivesse escutado algo hilário, depois lançou um olhar rápido na minha direção e foi embora com um rebolado exagerado. A mulher que andasse assim de verdade teria que ir toda semana ao ortopedista ajustar os quadris.

– Tenha um bom dia... – disse ele, e ficou esperando que eu falasse meu nome.

Que esperasse sentado.

– Seu fã-clubê está à sua espera – retruquei num tom irritado e plantei os olhos na parede à minha frente.

Como fazia todos os dias. Pensando na vida e no futuro. No nosso futuro. Meu e do Crawford.

– É verdade – disse ele, rindo.

De rabo de olho, vi o cara balançar a cabeça antes de sair caminhando. “Caminhando” não é bem a palavra certa. Flanando, se é que homens flanam. Desfilando, talvez?

Tanto faz. O importante é que ele foi embora.

Peguei minha bolsa de lona e retirei o celular. Havia cinco mensagens de texto e duas chamadas perdidas da minha mãe, uma mensagem de cada um dos meus quatro irmãos, duas da mulher do meu irmão mais velho

e mais três do meu pai. Eles faziam isso todo santo dia. Queriam saber como eu estava, depois me convidavam para jantar, para ir ao cinema, para ir ao shopping, para jogar basquete... Qualquer coisa que me tirasse daquele hospital.

Nenhum deles entendia. Crawford estava em coma.

Isso era tudo que importava. Eu não podia continuar vivendo como se ele não estivesse preso àquela cama. Precisava estar ali quando ele acordasse. Porque cedo ou tarde ele acabaria acordando. *Tinha* que acordar. Tínhamos um futuro pela frente, um futuro que planejávamos desde a infância.

Verifiquei as mensagens e fiz o que se espera de toda boa moça: comecei a responder uma a uma. Minha mãe se oferecia para ir ao shopping comigo comprar um biquíni novo, como se estivéssemos indo para a praia dali a alguns dias. Também tentava me arrastar para um jantar em família, apelando para o sentimento de culpa, dizendo que minhas sobrinhas estavam morrendo de saudade. Fiquei me sentindo mesmo um pouco culpada por causa da Maddy e da Malyn, as filhas gêmeas do meu irmão mais velho. Tinham apenas 2 anos e provavelmente não entendiam direito aquele sumiço da tia Vale.

Antes do acidente, eu cuidava delas às terças e às quintas para que minha cunhada Catherine pudesse cumprir os turnos da noite na casa de repouso em que trabalhava. Agora era minha mãe quem fazia isso. Eu ficava no hospital até o último minuto. Quando a mãe do Crawford aparecia por volta das sete da noite, eu me despedia dele com um beijo no rosto e só então voltava para casa, chorando por todo o caminho. Quando acordava no dia seguinte, trocava de roupa, enchia a bolsa com livros e comidinhas, e antes das oito já estava de volta ao hospital. Essa era a minha rotina diária. Era tudo que me restava.

Meus irmãos haviam combinado de jogar basquete após o jantar daquela noite. Jonah era fuzileiro e estava fora numa missão qualquer, então eles precisavam de mim para ser o quarto jogador. Na realidade, não *precisavam* de mim. Papai podia muito bem jogar no meu lugar. Mas todos insistiam que sem mim não tinha graça.

Eu era a caçula dos cinco, a única mulher. Por isso, fui sempre muito protegida e paparicada por eles. Achavam que tinham obrigação de cuidar

de mim. Como eu os amava na mesma medida, e como Jonah, mesmo estando fora, também havia escrito, respondi a todos individualmente dizendo que toparia jogar caso eles me esperassem até as sete e meia. Não era bem isso que eu queria fazer ao chegar em casa, mas era o que eles precisavam que eu fizesse.

Então era isso que eu faria.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

